

## ACONTECEU NA MINHA INFÂNCIA

Viagem inesquecível pode ter um sem-número de pontos de vista. A viagem inesquecível da vez ficou eternizada na caixinha de recordações do meu distante período infantil!

Férias escolares! Tinha uns dez anos de idade! As estradas naquela época eram uma aventura! Precárias, sem pavimentação, muitos buracos, muita poeira e sem acostamentos. Contudo, viajar naquelas circunstâncias de Belo Horizonte para a casa de meus avós era só felicidade. Gastava-se em média umas treze horas para percorrer menos de trezentos quilômetros. Isso quando não chovia, senão o lamaçal e os atoleiros comprometiam quase todo o círculo do relógio. Naquele dia, a viagem transcorreria-se por ônibus. Esse tipo de veículo nos anos de 1960 recebia o nome de jardineira. Mais da metade das poltronas daquela jardineira estavam ocupadas por algumas tias, primas, primos, por mim e um irmão de doze anos.

Durante o seu percurso havia parada programada para o almoço, parada para visita a banheiros, parada para completar o combustível e parada inesperada para troca de pneus, já que esses furavam-se com uma certa frequência. O calor pela falta de ventilação adequada no interior da jardineira, misturado à poeira fina da terra vermelha da estrada, levavam mal-estar e desconforto em muitos daqueles passageiros. Entretanto, tudo valia a pena, pois, depois daquelas adversidades, encontrar e ficar sob o aconchego de minha amada avó e de meu querido avô era o que de melhor podia nos acontecer.

A última parada antes de São Gotardo, na região do Alto Paranaíba mineiro, ocorria em um pequeníssimo lugarejo. A partir daquele ponto, enfrentávamos um trecho pertencente à Serra da Saudade. Seu trajeto demandava prudência, cuidados e paciência a todos os motoristas, por ele oferecer riscos e inseguranças aos transportes e, por conseguinte, a seus ocupantes.

Todo o circuito na Serra era bastante traiçoeiro com curvas acentuadas em zigue-zague. A estrada era estreita e, congruente ao tráfego de um único veículo. Porém, a circulação intensa de caminhões, jardineiras e carros era feita em mão dupla. Ainda acontecia de ter boiadas deslocando-se não sei pra onde. Não havia sinalização e nem placas de advertência. De um lado daquele caminho ficavam as altas montanhas que formavam a Serra e, do lado contrário, um profundo despenhadeiro, uma perambeira ameaçadora com uma fundura absurda.

A Serra da Saudade recebia esse nome em menção à saudade que deixou em muitas pessoas, por essas terem perdido entes em desastres tenebrosos. E, foi em uma daquelas curvas que um caminhão e a nossa jardineira se defrontaram. A batida poderia ter sido violenta, visto que, o caminhão bem maior e mais pesado descia a Serra. Como o coletivo subia aquela via, seu lado direito encontrava-se voltado para a ribanceira. Infelizmente, o chofer da jamanta não conseguiu parar o veículo. Atento, o condutor do ônibus desviou o volante impulsivamente para o lado oposto de onde prosseguia aquela grande carreta e, impediu a iminente trombada.

No entanto, a lateral direita da jardineira saiu quase em sua totalidade da estrada. Sua parte frontal ficara inclinada para o precipício e, se deteve em uma das muitas cruces fincadas ao longo da beirada daquele abismo. Aquilo fez com que sua roda dianteira fosse para o ar, para o vácuo do buraco. As cruces na Serra da Saudade marcavam os lugares onde haviam tido acidentes fatais. Um susto tomou conta de todos. Não se podia fazer peso no lado do ônibus que estava pendido para a perambeira. Todos tiveram de ir para o fundo do coletivo e, permanecer na parte contrária àquela que ficara fora da estrada. Assim, não desestabilizava mais o ônibus. Pairou uma grande dúvida. A única porta do veículo ficava direcionada para a ribanceira e não havia à de emergência, e as janelas eram estreitadas para a passagem até mesmo das crianças. Houve um silêncio pavoroso. Depois, muita apreensão, medo e choro.

Portanto, só havia uma opção para a saída dos passageiros. Com muita parcimônia, cada viajante foi se retirando e, um a um, devagar, foi rastejando por um filete de terra, sem olhar para o abismo, porque menos de trinta centímetros separavam a jardineira da divisa daquele despenhadeiro. Coração na boca! Foi assim que todos conseguiram conquistar o solo firme da estrada detrás do ônibus. No final, todos superaram o pânico e a ansiedade, e o alívio chegou para o caminhoneiro, e para alguns vaqueiros que surgiram conduzindo uma boiada.

Naquela tribulação não houve nenhuma intervenção consistente que pudesse salvaguardar à jardineira e os viajantes. Inacreditavelmente, a segurança partiu unicamente da sustentação e do apoio daquela cruz cravada na beirada do precipício, a qual achava-se bem no local em que o ônibus ameaçara de se despencar. A cruzeta pequena, frágil, muito rústica resistiu à colisão do nosso coletivo de tamanho e peso extremamente desproporcionais ao dela e, o escorou.

Em seguida, com a jardineira ainda semipendurada outra carreta chegou, e seu motorista se deparou com o incidente. A sorte foi que aquele chofer levava um cabo de aço na boleia. Ele o amarrou no nosso transporte e no dele e, conseguiu arrastar e colocar o ônibus na pista.

Ainda sob muita inquietação, em meio aos bois e vacas que se espalharam pela estrada por terem ficado sem comando, uma oração foi praticada defronte àquela tosca cruzinha de madeira que se manteve intacta e, nem ao menos se envergou em decorrência da pancada causada pelo nosso veículo. Aquele coletivo só não foi direto para o fundo do buracão, pelo indiscutível amparo e proteção daquele símbolo de fé que, com certeza, representava um ser humano iluminado, um anjo benfeitor, o qual, obviamente, havia falecido naquele lugar e àquela data, já usufruía da morada celestial. Ele, autorizado por Deus, preservou a vida de todos daquela jardineira, e evitou um trauma ao motorista da carreta envolvida naquele episódio.

Com a situação normalizada todos retomaram seu destino. Na chegada à São Gotardo, o caso virou notícia no jornal. Apesar de todas aquelas intercorrências, nenhuma atrapalhou o encanto de nossas férias. A viagem foi marcante e, tornou-se inesquecível até os dias de hoje!